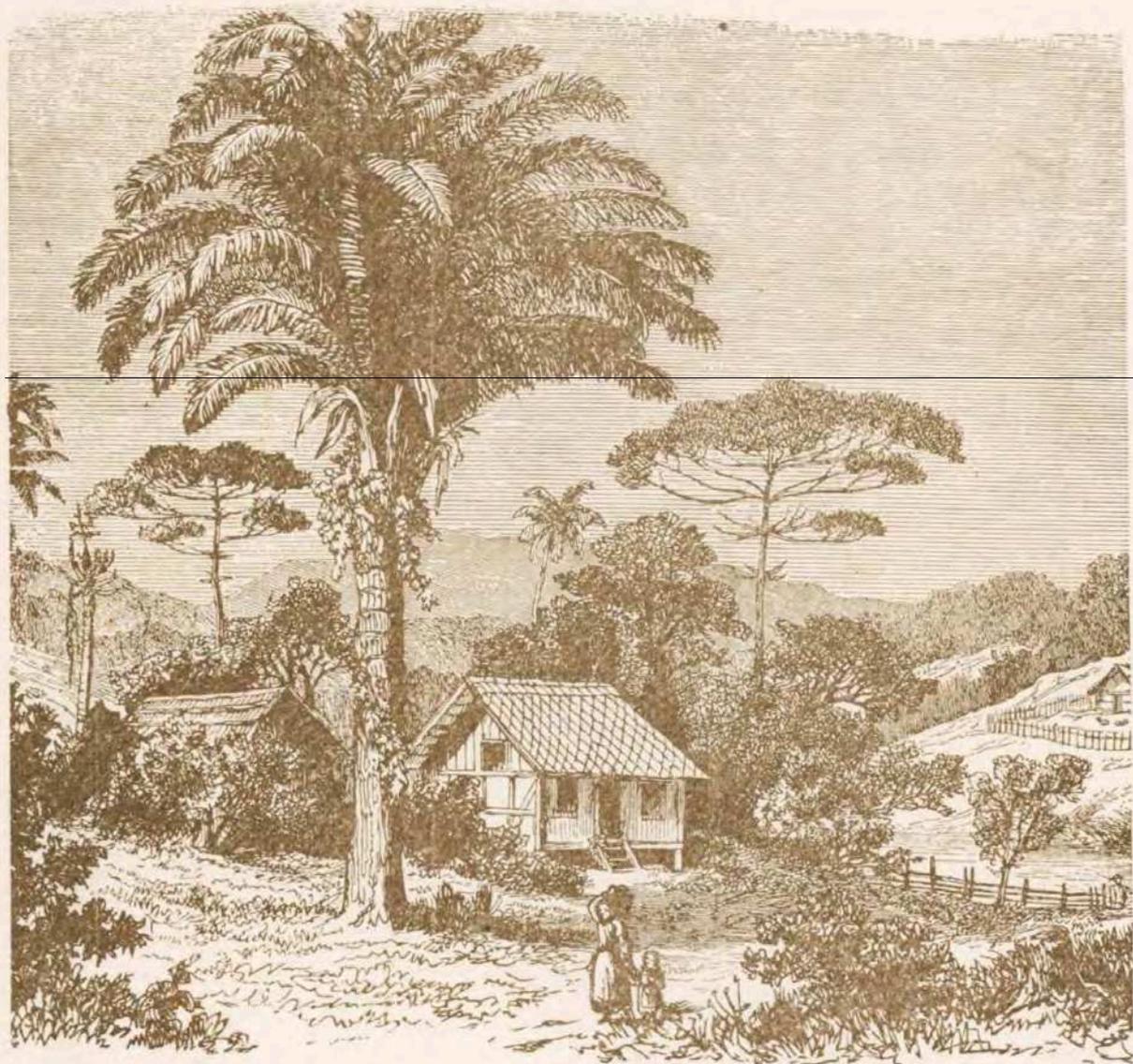


TAXA PAGA



Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ JUNHO DE 1972 ★ Nº. 6

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas, de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigaros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Blumenau

em Cadernos

TOMO XIII

Junho de 1972

Nº. 6

MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN

Cônego Raulino REITZ

Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Julgo ser honroso para a conceituada revista histórica «BLUMENAU EM CADERNOS» registrar em suas páginas uma homenagem de grande significação a um dos mais ilustres filhos de Blumenau, ao cientista botânico JOÃO GERALDO KUHLMANN, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Transcrevo a notícia da inauguração da reforma do prédio do MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN publicada no vespertino O GLOBO de 24.03.1972, o texto gravado no bronze comemorativo da recente restauração do Museu, o discurso pronunciado pelo Dr. Luiz Edmundo Paes por ocasião da inauguração do Museu, em 27.01.1967. Neste discurso do culto ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que foi o mentor da criação do Museu em homenagem ao Dr. Kuhlmann, como também nos outros tópicos a serem publicados por esta revista são lembradas as passagens mais marcantes da vida e atividades que recordam a benemerência do ilustre homenageado «glória de Santa Catarina, de Blumenau, glória do Brasil e glória da ciência» como afirma o já citado orador:

Texto do Bronze Comemorativo: «Museu Botânico Kuhlmann. Construído em 1800. Restaurado em 1972. Este prédio era conhecido como «Casa dos Pilões» fazendo parte da antiga Real Fábrica de Pólvora. Posteriormente foi residência de João Geraldo Kuhlmann, natural de S. Catarina, diretor do Jardim Botânico, que aqui faleceu em 23.03.1958. Pelo decreto nº 49.577, de 22.12.1960 foi transformado em Museu Botânico Kuhlmann para ambientação em botânica dos estudantes do ciclo médio e divulgação da vida e obra do grande Naturalista Brasileiro».

**Decreto nº 49.577 - de 22 de dezembro de 1960 - CRIA O MUSEU BOTÂNICO
KUHLMANN**

O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, nº I, da Constituição e;

Considerando que o Naturalista João Geraldo Kuhlmann deu preciosa contribuição para o melhor conhecimento da Flora Brasileira através de inúmeros trabalhos que realizou e publicou;

Considerando que o seu nome atravessou as nossas fronteiras, sendo conhecido nos meios científicos do mundo como uma das maiores autoridades em Botânica Sistemática;

Considerando que representou o Brasil, na qualidade de Presidente de Honra nos Congressos Internacionais de Botânica, em Stokolmo e em Paris, onde muito elevou o nome de nosso País;

Considerando que o referido Naturalista percorreu as florestas do Amazonas, Pará, Mato Grosso e Goiás, como botânico da famosa Comissão Rondon, tendo coletado muitas espécies novas, gêneros e até famílias;

Considerando haver sido Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde muito contribuiu para aumentar o prestígio científico daquela secular instituição,

Decreta:

Art. 1º - Transformar em "Museu Botânico Kuhlmann" a casa chamada dos Pilões, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, dependência do Ministério da Agricultura, onde JOÃO GERALDO KUHLMANN passou os últimos anos de sua vida.

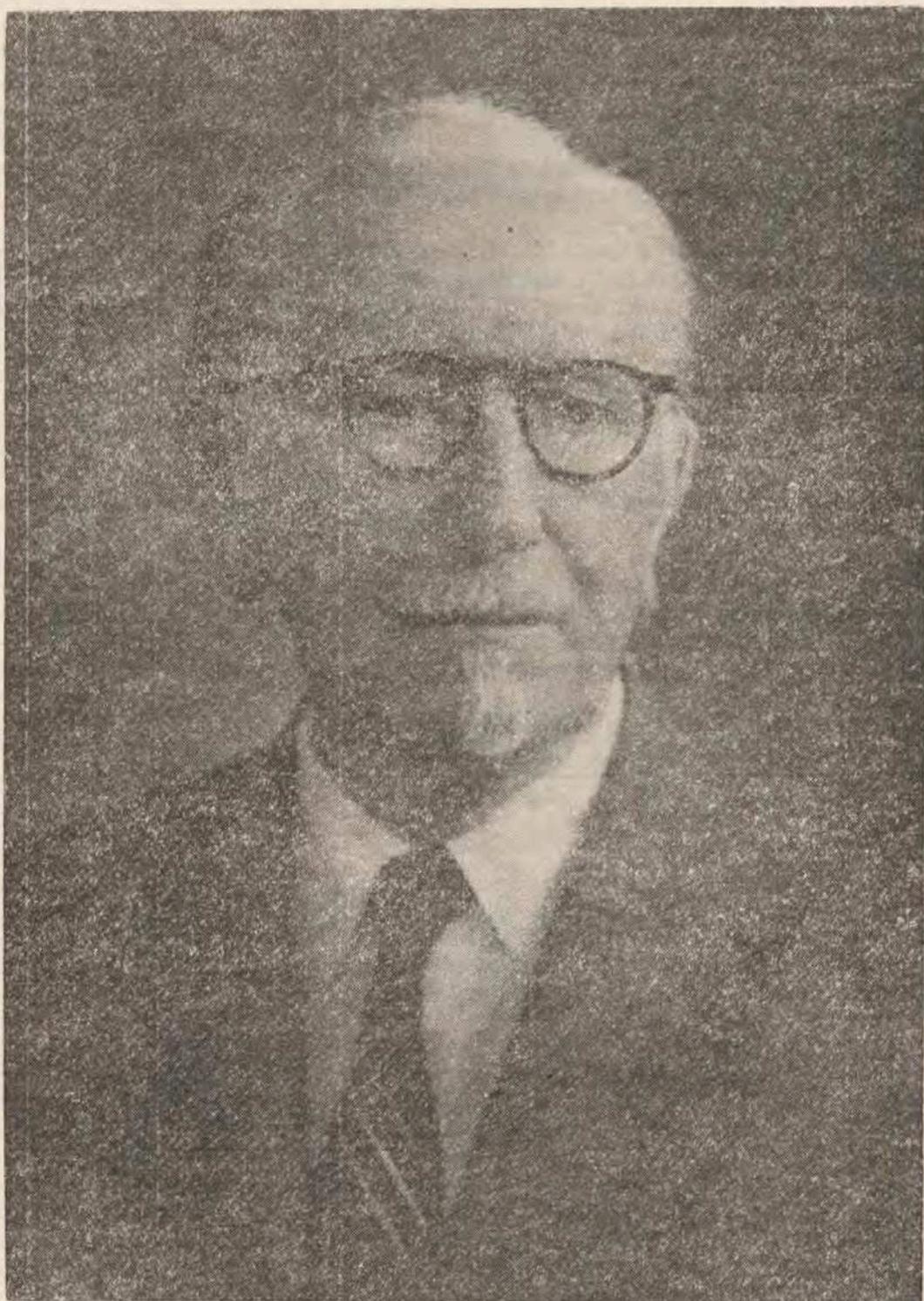
Art. 2º - O referido Museu além de suas finalidade próprias, terá como objetivo principal o culto da memória, divulgação da vida e obra daquele grande Naturalista Brasileiro.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de Dezembro de 1960. - 139º da Independência e 72º da República - (a) Juscelino Kubitschek (a) Antônio Barros de Carvalho.

MUSEU GANHA ESTUFA E DOIS LABORATÓRIOS - O Museu Kuhlmann - Jardim Botânico - construído em 1800 por Dom João VI e conhecido popularmente como casa dos Pilões, foi ontem reaberto ao público, 14 anos depois da morte do Botânico e ex-diretor do Jardim que lhe deu o nome, João Geraldo Kuhlmann. O museu esteve fechado quatro meses e meio para restauração e ganhou dois laboratórios de Botânica e uma estufa no cômodo em que funcionava a lavanderia da família Kuhlmann. A sala onde está o acervo do ex-diretor, a sala de estudos e mostruários também foram restaurados.

Às 11 horas o Museu recebeu as primeiras visitas, entre as



João Geraldo Kuhlmann, nascido em Blumenau, com apenas o curso da escola primária, tornou-se, pelo seu próprio esforço um vulto da Ciência Nacional. Em reconhecimento justo o governo federal, criou, por decreto, O MUSEU BOTÂNICO KUHLMANN localizado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cuja finalidade é ambientar em botânica os escolares do ensino médio e cultivar a sua memória pela divulgação da vida e da obra do grande Naturalista Catarinense.

quais a da filha do ex-diretor, Zilda Kuhlmann Pereira, de Lúcio Costa e Burle Marx.

A reabertura do Museu foi comemorada com uma reunião do Conselho de Administração do Jardim Botânico, durante a qual o diretor do Jardim, padre Raulino Reitz expôs o plano de Reformas e Novos Projetos que inclui a reforma de prédios, portões e estufas e a ampliação da área ecológica, entre muitas obras.

Terminada a reunião, o Presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, João Maurício de Melo Nabuco; o Diretor do Jardim e a filha de João Geraldo Kuhlmann, que em 1941 morou lá com o pai, visitaram o museu. Mais tarde, apareceram Burle Marx e Lúcio Costa.

A administradora do Museu, bióloga Odete Travassos, que desde 1969 contribui "com esforço e amor" para seu bom funcionamento, afirmou que agora existem melhores condições para estudantes e estagiários que procuram a Casa dos Pilões, construída como parte da Fábrica de Pólvora da Coroa.

Desde 1968, o museu orienta estagiários e estudantes de História Natural. No ano passado êle atendeu a dois mil estudantes do Rio e do Estado do Rio e forneceu material para pesquisas e trabalhos sôbre Botânica.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO Dr. LUIZ EDMUNDO PAES POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO MUSEU.

Senhor Diretor,

Tenho a honra de lhe dirigir a palavra neste instante, em nome do Sr. Diretor do Jardim Botânico, Botânicos e demais servidores desta nossa secular Instituição Científica, para lhes falar em breve síntese sôbre a vida do ilustre homenageado, Patrono deste Museu, nosso ex-Diretor, meu saudoso Mestre e amigo, Professor Dr. João Geraldo Kuhlmann.

Ac faze-lo não escondo a minha profunda emoção, pois tive a ventura de conviver com o famoso Botânico, durante quinze anos, de quem fui assistente, secretário particular, discípulo, amigo e confidente.

Finalmente pela honra de ofertar o seu retrato, a ser entronizado neste seu modesto gabinete de trabalho (por nós reconstituído), por sua filha aqui presente, Exma. Sra. Zilda Kuhlmann da Silva Pereira, perante esta pleiade de Botânicos do Brasil e do exterior, ora reunidos nesta capital, amigos e admiradores do inesquecível Mestre, Botânico por excelência.

Assim quis a Providência Divina em seus altos e imprescutáveis

designios. Assim certamente desejou Dr. Kuhlmann, isto é, que a instalação deste Museu, fosse realizada em tais Circunstâncias.

A sua criação foi por nós sugerida em 1960, graças ao decidido apoio que nos foi dado pelo então Diretor do antigo Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, Engenheiro Agrônomo Manoel Carneiro de Albuquerque Filho.

Agora, felizmente, o nosso sonho tornou-se uma esplendida realidade graças aos esforços do atual Diretor do Jardim Botânico e das distintas servidoras, Dna. Odette Pereira Travassos, Biologista e Dna. Ida de Vattimo Gil, pesquisadora em Botânica e que já iniciaram aqui os Cursos de Botânica.

Evidentemente não haveria melhor maneira de cultivar a memória de J. G. KUHLMANN do que ensinar Botânica nesta casa onde ele passou os últimos anos de sua vida. Transformar, pois, a sua casa em Casa da Botânica a ciência, que foi a razão de ser de sua existência, dentro do conceito moderno de museu, isto é museu dinâmico, pareceu-nos uma excelente idéia.

Plantou-se ainda a pouco defronte desta casa quase bicentenária, pois; foi a chamada Casa dos Pilões da Real Fábrica de Pólvora, fundada por D. João VI, nosso 1º Rei e ilustre fundador do nosso outrora Real Jardim Botânico (atualmente Jardim Botânico do Rio de Janeiro), um exemplar de Merianthera pulchra K., uma de suas espécies queridas, conforme costuma dizer. Pulchra, bela, não só a flôr da referida planta, mas também a sua vida, sua alma, sua contribuição maravilhosa à ciência.

Nasceu o genial cientista, João Geraldo Kuhlmann, a 2 de dezembro de 1883, em Blumenau, Estado de Santa Catarina, de pais alemães.

De um certo modo, podemos dizer que foi mais uma contribuição da Alemanha, berço glorioso de Von Martius e tantos outros Botânicos ilustres à Botânica no Brasil. Brasileiro e grande patriota, contudo, alegrava-se de descender de um povo que tanto contribuíra para o progresso científico do Brasil. Era só citar Von Martius, autor da maior obra de Botânica do mundo, «a Flora Brasiliensis».

Em virtude de um Decreto Imperial, era considerado afilhado de Sua Magestade o Imperador D. Pedro II e disto muito se orgulhara, pois o grande monarca brasileiro fora um grande amigo dos Botânicos e dos cientistas de um certo modo geral. Sob os seus auspícios fora elaborada a «Flora Brasiliensis».

Desde cedo, sentira grande inclinação para a pesquisa, notadamente para a Botânica, ciência à qual dedicou toda a sua vida. Publicou perto de uma centena de trabalhos, sôbre Sistemática, sua especialidade,

tendo dado assim preciosa colaboração para o maior conhecimento da flora brasileira. Seu nome atravessou as nossas fronteiras, sendo conhecido nos meios científicos do mundo, como uma das maiores autoridades em taxonomia vegetal, tendo o mesmo representado o Brasil, na qualidade de Presidente de Honra, no Congresso Internacional de Botânica, em Stocolmo, em 1950, e em Paris, em 1954.

Fez parte de grandes expedições científicas pelo interior brasileiro, percorrendo quase todo o território nacional, as florestas da Amazônia, Pará, Mato Grosso, Goiás, indo até o Perú, Guanas, Colombia, Venezuela, etc, coletando material de grande valor, tendo descrito muitas espécies novas, generos, chegando mesmo a criar duas novas famílias, Peridiscaceae e Duckeodendraceae.

Convidado pelo Exm^o. Sr. Marechal Rondon, fez parte de sua famosa Comissão como Botânico da mesma. Por isso mesmo, tinha pelo grande sertanista brasileiro, grande estima, a quem tudo devia, pois, graças a ele, pode realizar o seu grande sonho, conhecer de perto a Amazônia e seguir a sua apaixonada vocação. Foi o Marechal Rondon quem lhe dera tal oportunidade.

Em 1919, entrou para o Jardim Botânico, convidado pelo seu então Diretor, Dr. Antonio Pacheco Leão. Foi Chefe da Seção de Botânica e Diretor substituto do antigo Diretor do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura. Lecionou Botânica Agrícola na Escola Superior de Agricultura Veterinária de Viçosa, a convite do seu então Diretor Dr. Bello Lisboa, tendo então enriquecido o Herbário daquela tradicional Escola, contribuindo, outrossim, para o aprimoramento da formação agrônômica de seus discípulos.

Possuía várias condecorações, destacando-se a que recebera na vestuta Sorbonne, por ocasião do 7^o Congresso Internacional de Botânica, em Paris.

Pertencia à várias instituições científicas do Brasil e do exterior e mantinha intensa correspondência com os maiores Botânicos de seu tempo. Fundador da Sociedade de Botânica do Brasil, comparecendo também ao Congresso de Botânica em Tucuman, Argentina, 1948, onde apresentou trabalhos de grande valor.

Em 1954, por ocasião de sua ida a Paris, recebeu convite especial do Governo da Alemanha, para visitar aquele país, tendo ali presidido uma reunião de Diretores de Jardins Botânicos.

Em 1944, por indicação do Ministro da Agricultura, Dr. Apolonio Salles, foi nomeado Diretor do Jardim Botânico, onde muito contribuiu para elevar o prestígio científico da secular instituição, caracterizando-se a sua gestão, por um período de grandes atividades científicas o que se pode verificar através das revistas «Rodriguesia» e «Arquivos do Jardim Botânico», publicadas naquele período. Uma brilhantíssima

equipe de pesquisadores em Botânica e de mais técnicos colaboraram com a sua administração: Adolpho Ducke, Alexandre Curt Brade, Fernando Romano Milanez, Leonan de Azevedo Penna, Nearch da Silveira Azevedo, Armando de Mattos Filho, Apparicio Pereira Duarte, Odete Pereira Travassos, Honorio Monteiro e outros.

Extremamente simples, amavel, bondoso foi um verdadeiro sábio, cristão convicto e grande patriota. Possuía uma ansia de saber, era um desejo sincero de conhecer os mistérios da incomparavel flora brasileira. Era a sua paixão dominante. E viveu a sua vocação. Realizou-se como se diz modernamente. E até nas últimas horas de sua vida, ainda descreveu uma espécie nova dedicada a um grande amigo, o eminente cientista, Dr. Lauro Travassos, Hymenea travassii kuhl.

Possuía um conhecimento verdadeiramente fantástico dos fanerógamos de um modo geral. Tinha na mente (memória visual) os caracteres de milhares de plantas e dizia não só a família, genero e espécie, mas onde se encontrava descrita, tal livro, tal página, tal estampa e muitas vezes presenciei: coletada por mim, dia tal, ano tal, à margem do rio tal, etc. Era um genio. Chegou mesmo a corrigir grandes Botânicos da Europa, o que aliás, está registrado nos dois volumes de Pflanzenfamilien e tornou-se famoso quando certa vez, em poucos minutos, identificou uma planta que já havia passado pelas mãos dos maiores especialistas da Europa e dos Estados Unidos, sem solução. Era uma Malpighiaceae.

O seu gabinete de Diretor do Jardim Botânico era frequentadissimo. Pessoas do Brasil e do exterior vinham especialmente conhecê-lo e consultá-lo, pois, era uma fonte preciosa de informações. Para Dr. Alberto José de Sampaio, meu conterraneo e Professor, Kuhlmann tinha uma «memória de anjo», para Ducke, «o inigualavel», para L. Barroso «Raio X», para o grande Professor Massart «Mr. Kuhlmann était un monstre». E não ficou só na Sistemática. Descobriu uma infinidade de plantas de grande valor para a medicina, a indústria, e a agricultura silvicultura, alimentação e etc.

Muitas delas foram examinadas pelo antigo Instituto de Química Agrícola, com o qual muito colaborou, aliás com muitas outras instituições.

Enriqueceu o Herbário do Jardim Botânico, com plantas de grande valor, bem como introduziu ricas coleções no Parque. Deu valiosa contribuição ao Museu Carpológico, considerado um dos melhores da America do Sul.

Estimadissimo por todos os Botânicos e toda classe Agrônômica e muitos outros técnicos de reconhecido valor, Kuhlmann era a simplicidade em pessoa. Jamais filiou-se a qualquer concepção materialista da Vila. Acreditava profundamente em Deus e extasiava-se em pesquisar e contemplar o Reino Vegetal, maravilha de suas mãos.

Foi um filho dedicadissimo, esposo e pai modelar. Muito muito

mesmo poder-se-ia escrever sobre sua vida, mas infelizmente o tempo não me permite. Foi uma vida grande demais para ser comentada em tão pouco tempo.

Em 1953 sendo Diretor do Serviço Florestal, Dr. Manuel Carneiro de Albuquerque Filho e Ministro da agricultura Dr. João Cleofas de Oliveira, aposentou-se no cargo Diretor do Jardim Botânico.

Finalmente quero lhes dizer que Kuhlmann foi tudo quanto foi dito, gloria de Santa Catarina, estado que o viu nascer, sua querida Blumenau, gloria do Brasil e gloria da ciência, mas foi mais ainda, um justo, razão por que repetindo as palavras da Biblia Sagrada, sua memória permanecerá para sempre.

TRABALHOS PUBLICADOS DE JOÃO GERALDO KUHLMANN

- 1) - Utricularias do Rio de Janeiro e seus arredores, 1918, Mem. do Instituto Butantan, I (1).
- 2) - Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso - Gramíneas (1^o. fasc.), Março de 1922.
- 3) - Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso - Amazonas, Gramíneas, 1922, Anexo 5, Bot. XI, 37.
- 4) - Contribuição para o conhecimento de algumas plantas novas, contendo também 1 trabalho de critica e novas combinações, 1925, Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. IV, pgs. 347-377 - 10 est.
- 5) - Contribuição para 1 nova espécie de «Hília», rubiácea (em colaboração com F. Silveira), 1925, Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. IV, págs. 369-371 - 1 est.
- 6) - Contribuição para o melhor conhecimento de 1 espécie Velloziana do gênero «Aspidosperma», Apocinácea (em colaboração com Pirajá da Silva), 1925, Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. IV, pgs. 375-377 - 1 est.
- 7) - Monografia das espécies brasileiras dos gêneros da tribu Oncobede: Carpotroche, Mayma e Lindachæria (Flacourtiaceae), 1928, Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 21, pág. 392.
- 8) - Clinostemon, Kuhlmann et A. Samp., Novo Gênero de Lauraceas, da Amazônia, 1928, Boletim do Museu Nacional, Vol. IV, n^o. 2, págs. 57-59, 1 fig. - 1 est.
- 9) - Dalbergia Sampaioiana Kuhlmann Hoehne, 1928, Mem. Inst. Oswaldo Cruz, XXI, pg. 396.
- 10) - Contribuição para o conhecimento de algumas novas espécies da região Amazônica e 1 do Rio de Janeiro, bem como algumas notas sobre espécies já conhecidas, 1930, Arquivos do J. Botânico do Rio de Janeiro, Vol. V, págs. 201-212 - 3 est.
- 11) - Peroba taboada, uma espécie botânica, 1933, «O Campo».
- 12) - Pseudocalyma, A. Samp. e Kuhlmann, 1933, «O Campo».
- 13) - Novo gênero de Celastraceas da flora amazônica, 1933, Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. 6, pgs. 109-111 - 1 est.

- 14) - Contribuição para a flora do Itatiaia (em colaboração com P. Campos Porto), 1933, Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. 6, pgs. 113-115 - 2 est.
- 15) - Notas sobre o gênero *Duckeodendron*, 1934, Arquivos Inst. Biol. Veg., Vol. 1, nº.1, pgs. 35-37.
- 16) - *Pseudocalyma* - A. Samp. e Kuhlmann, novo gênero (Bignoniaceas), 1934, Boletim do Museu Nacional, Vol. X, pgs. 99-101 - 1 est.
- 17) - O gênero *Eichleria*, sinônimo de *Rourea*, 1934-35, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. I, nº.1, pgs. 39-40 - 4 fig.
- 18) - Uma nova espécie de borraginacea, 1934-35, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. 1, nº.2, pgs. 113-114 - 14 figs.
- 19) - Novo Gênero de Melastomataceas, 1934-35, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. 1, nº. 3, pgs. 231-232 - 1 est.
- 20) - Uma nova espécie do gênero *Securinega* (Euphorbiaceas), 1934-35, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. 1, nº. 3, pgs. 241-243 - 1 est.
- 21) - Novas espécies botânicas da *Hylea* (Amazônia) e do Rio Doce (E. Santo), 1935, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. 2, nº. 1, pgs. 83-89 - 7 est.
- 22) - *Paratecoma peroba* (Rec.) Kuhlmann (Flacourtiaceas), 1935, Boletim do Serviço Florestal do Brasil, nº. 4.
- 23) - Novas espécies do Rio Doce, 1936, Arq. Inst. Biol. Veg., Vol. 3, nº. 1, pgs. 45-49 - 6 est.
- 24) - Espécies novas equatoriais e tropicais orientais brasileiras, 1938, Anais da Reunião Sul Amer. Bot., Vol. III, pgs. 75-92 - 15 est.
- 25) - Apreciações sistemáticas sobre os frutos do gênero *Carpotroche*, 1938, Anais da 1ª Reunião Sul Amer. de Bot. Vol. III, pgs. 94-96 - 7 est.
- 26) - Alguns casos interessantes de poliembrião, 1938, Anais da 1ª. Reunião Sul Amer. Bot., Vol. III, pgs. 203-204 - 2 est.
- 27) - Repouso dos ovários em *Michelia Champaca* Linn (Magnoliaceas), 1938, Anais da 1ª. Reunião Sul Amer. de Bot., Vol. 3, pgs. 303-304 - 1 est.
- 28) - Notas biológicas sobre *Lentibulariaceas*, 1938, Anais da 1ª. Reunião Sul Amer. de Bot., Vol. 3, pgs. 311-318 - 4 est.
- 29) - Album Florístico do Serviço Florestal, 1940.
- 30) - Uma *Bignoniaceas* pouco conhecida, 1941, «Rodriguesia», Ano V nº. 14, pgs. 365-366 - 2 est.
- 31) - Leguminosas *Papilionáceas*, 1941, Flora Brasilica, Vol. XXV.
- 32) - A floração de *Dialypetalanthus fuscescens*, Kuhlmann, no Jar. Botânico, 1942, «Rodriguesia», nº. 15, pg. 27 - 1 est.
- 33) - *Dialypetalanthus*, Kuhlmann, 1942, «Rodriguesia», nº. 15, pgs. 25-26 - 1 est.
- 34) - Propriedades curarizantes de alguns «*Strychnos*» do Rio de Janeiro, 1942, «O Hospital».
- 35) - Album Florístico do Serviço Florestal, 1943.
- 36) - Nota prévia, 1944, «Rodriguesia», Ano VII, nº. 17, pg. 65.
- 37) - Chave dicótoma da *Carnaúba*, *Copernicia cericifera* e do *Carandá*, *Copernicia australis*, 1945, Boletim do Instituto de Oleos, nº. 3.
- 38) - O gênero «*Eucalyptus*», 1946, Arq. Serviço Florestal, Vol. 12, nº. 2, pgs. 1-37 - 26 est.
- 39) - Uma nova *Bignoniácea* da Serra dos Órgãos, 1946, «Rodriguesia»,

Ano X, nº. 20, pgs. 7-9 - 1 est.

40) - Contribuição ao estudo das plantas ruderais do D. Federal (colaboração com P. Occhioni e J. A. Falcão), Arq. do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Vol. VII, pgs. 43-133. 1947.

A Margem da «História de Blumenau»

Pe. ARTHUR RABUSKE, S. J.
Porto Alegre - R S.

Isso que segue não é propriamente uma recensão bibliográfica da monumental obra histórica e monográfica de J. Ferreira da Silva. E nem mesmo poderia sê-lo, por várias razões. Não pretende pois, e não pode pretender mais do que constituir-se numa simples nota feita como que à margem da recente «História de Blumenau», cujo lançamento foi a 24 de abril de 1972, em Blumenau (SC).

Aliás, uma recensão em regra deveria ser escrita para os gaúchos e não os catarinenses, máxime os leitores assíduos e fiéis de «Blumenau em cadernos». Estes não a precisam, visto conhecerem e estimarem sobremaneira o autor da «História de Blumenau»: membro ilustre da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Além disso, a pena fecunda e hábil de J. Ferreira da Silva tem-se-lhes mostrado incansável, durante mais de meio século de atividades literárias ininterruptas, no setor do jornalismo e da pesquisa histórica. Cohecem-lhe com admiração a lista expressiva de quase 30 publicações e agora, de certo, saúdam com alegria o fato de «A Imprensa em Blumenau» encontrar-se no prelo. Da importância

dos seus «outros inéditos» a todos é lícito suspeitar, quando lêem a primeira alínea do prefácio à «História de Blumenau».

Quis a bondade excessiva de J. Ferreira da Silva que um jovem, modesto e desconhecido jesuita gaúcho fôsse contemplado por ele, entre os primeiros, com a remessa de um exemplar da «História de Blumenau», autografado em termos mais do que amigos. Esse gesto ultrapassa por isto mesmo, como homenagem, o individual e atinge o coletivo daquelas figuras jesuíticas, que, desde 1906 em diante até os nossos dias, partiram da Alemanha ou do Rio Grande do Sul a Florianópolis e lá, através do Colégio Catarinense, têm contribuído pela formação de parte representativa da melhor elite cultural do nosso Estado irmão e vizinho. E J. Ferreira da Silva é um dos ilustres ex-alunos do «Catarinense» em seus inícios. Outros catarinenses, igualmente ilustres, como os Ramos e Fontes, por mais antigos do que ele, haviam cursado antes dêle o Ginásio N. Sra. da Conceição de S. Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Consta que aos estímulos de Vidal Ramos surgiu o Catarinense em Florianópolis. Do próprio «Conceição Leopoldense», em sua evolução posterior à de ginásio, sabemos que ele

na qualidade de Seminário Maior e Menor, formou gerações inteiras de sacerdotes do clero secular e regular, entre os quais não vem a despropósito lembrar aqui a figura do saudoso catarinense Dom Jaime de Barros Câmara e de Dom João Becker, primeiro bispo de Santa Catarina. Hoje, o antigo «Conceição» é com-sede da Universidade Regional do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), a qual, no corrente ano de 1972, soma para além de 8.000 alunos matriculados,

Nesta perspectiva histórica e jesuítica não deixou de ser significativo o fato de que J. Ferreira da Silva, há algum tempo, fôsse condecorado pelo Governo da atual República Federal da Alemanha.

Olhando e lendo, agora, a «História de Blumenau», não saberíamos a quem mais felicitar: se o autor - Símbolo intelectual de uma das regiões mais ricas e progressistas do nosso país continente - ou se os distintos cidadãos da grande comuna de Blumenau. Em todo o caso parece-nos que, a partir de J. Ferreira da Silva e de sua obra histórica impressa mais recente, Blumenau se coloca numa posição cultural invejável, em relação à maioria das comunas catarinenses e até brasileiras. É que possui ora em diante uma história, que se nos afigura exemplar para quase todos os demais municípios brasileiros. Era aliás dele ou de sua autoria «a única história de Blumenau, publicada no livro do Centenário, datado de 1950» (Cfr. prefácio, p. 5. Vide ainda in «Centenário de Blumenau, 1850 - 2 de setembro - 1950», edição da Comissão de Festejos, sob o título «História de Blumenau», p. 5-51). Tratava-se, porém, de uma história «bastante resumida» e feita

muito rara, «dada a destruição, pelo incêndio de 1959, de quase toda a edição» (Vide, loc. cit., p. 5).

Não desconhecemos o grande surto cultural e editorial, que Santa Catarina vem tendo de uns anos para cá. Saudamo-lo com toda a efusão dos nossos sentimentos fraternos. O certo é que também a historiografia, à semelhança de outras províncias do saber e da pesquisa, se volta agora com grande acerto e proveito para o regional, comunal e até local. Do enriquecimento onimodo, que isso, pouco, a pouco vai trazendo para a cultura nacional temos já os primeiros frutos reais e não apenas promissores. Pelo que diz respeito a Santa Catarina, os nossos conhecimentos quanto a seu inusitado suntuo cultural e editorial, devemos-los, em boa parte, à fineza da correspondência epistolar de J. Ferreira da Silva conosco e à incomparável generosidade de seu coração. Somos seu discípulo «por correspondência»... Assim, de dois anos para cá, ele não cessa de galardoar-nos, imerecidamente da nossa parte (um desconhecido seu!), com o envio de obras, raras por vezes e sempre valiosas, relativas a S. Catarina em geral e, em especial, ao grande Vale do Itajaí.

Aliás, na interpretação desse nome geográfico, temos já o verdadeiro historiador: competente, cauteloso, amadurecido e sóbrio. Vemos que, depois de um estudo bastante exaustivo, embora sumário ou sintético, de quase duas páginas, J. Ferreira da Silva se limita simplesmente a observar: «É, como se vê, controvérsia de difícil solução» (p.12).

A obra «História de Blumenau», vista e examinada por nós,

com interresse e carinho, parece-nos um trabalho maduro sob todos os aspectos, máxime o da historiografia, de que é, por si só, garante o nome de J. Ferreira da Silva com sua longa experiência, dedicação a toda a prova, vastidão de conhecimentos, estilo fluente, simples, diáfano e correto, e, sobretudo, por seu trato familiar com o documento histórico e a vastidão da bibliografia consultada ou usada (Vide p. 267-280).

Quanto a isso nada mais se deseja.

Sob o ponto de vista editorial, o volume "História de Blumenau" apresenta-se à altura do seu conteúdo, pois obedece ao "planejamento gráfico, layout, artes e impressão executados sob a responsabilidade da EDEME (Editora Empreendimentos Educacionais Ltda.)" num trabalho de composição e impressão pela Gráfica Editora A NAÇÃO S. A., de Porto Alegre. O livro, com suas ilustrações e texto impresso, é realmente agradável, mesmo para a vista mais exigente. Merece, porém, sublinhar especial o bom gosto da capa-dupla, do retrato-clichê policromo do Dr. Blumenau (perfeito!) e do mapa da colonização inicial do Vale do Itajaí, sem falar do quadro da imigração, organizado pelo Dr. Hugo Gensch.

Não sem satisfação constata um jesuíta gaúcho o fato de que o trabalho histórico de Blumenau haja sido impresso pela Gráfica Editora A NAÇÃO. É que essa editora, a partir de 1971, pode orgulhar-se entre nós gaúchos de uma tradição superior a cem anos, com amplas experiências, grandes resultados e méritos incomuns. Seu berço, porém, esteve colocado à margem do Rio dos Sinos, em S. Leopoldo, desde 1871 a 1890; portanto, numa cidade gaúcha irmã da grande Blumenau. E foi o jesuíta Pe. Guilherme Feldhaus, que, ao menos indiretamente, a fundou com o «Deutsches Volksblatt», legando-a, ao depois, ao RGS e Brasil, antes de tudo através Família Hugo Metzler e descendentes.

Eis um pouco do muito que nos ocorreu à margem da «História de Blumenau». De parabéns sincero está o autor, a EDEME, «nossa» A NAÇÃO, e, sobretudo, o povo e Governo Municipal de Blumenau! São nossos votos de que outras comunas tenham tal Governo, que corra "com as despesas da impressão" nas monografias históricas de seus municípios, máxime ao ensejo do Sesquicentenário da nossa Independência! Tais iniciativas culturais só os louvam e não serão em prejuízo de uma verdadeira e sábia política.



O primeiro bispo a fazer visita pastoral a S. Catarina foi D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro. Essa visita verificou-se em 1815, a 7 de agosto. Seguiu depois para o Rio Grande a 2 de outubro do mesmo ano. Silva Coutinho governou a Diocese de 1808 a 1833. Permaneceu no Destêrro quase dois meses consecutivos.

CRONOGRAFIA DA INDEPENDÊNCIA

Por GUSTAVO KONDER

— Segunda parte —

Pelas instruções baixadas com o decreto de 22 de abril de 1821, assinado pelo augusto Rei D. João VI, foi conferido a D. Pedro o título de príncipe regente e lugar tenente de el-rei de Portugal no governo provisório de Reino Unido para governar.

Déra-se-lhe, ao contrário, a par de uma instrução sumária e imperfeita, o ambiente propício ao desenvolvimento do seu espírito caprichoso, incoerente, apaixonado, em cujos desatinos se misturavam as influências ancestrais, de um lado a herança da mãe epiléptica, do outro as táras dos príncipes místicos e neuróticos de sua linha paterna (assim descreveu Pedro Calmon).

D. Pedro contava então 23 anos, casara-se, ainda bem moço, em 1817, com a virtuosa princesa D. Leopoldina, que faleceu em 1826, atribuída aos desgostos provocados pelo esposo, em virtude de sua escandalosa ligação com a Marquesa de Santos, antes Da. Domitila. Depois casou-se novamente com a bela princesa austríaca Da. Amelia Leuchtenberg. A primeira imperatriz era mãe de dois filhos D. João Carlos, príncipe da Beira, e a princesa Da. Maria da Glória. A segunda imperatriz teve 4 filhos: o futuro D. Pedro II e as princesas Da. Januaria, Da. Francisca e Da. Paula.

Aconselhado pelo Conde dos Arcos, D. Pedro dirigiu, no mesmo dia da partida de el-rei, a sua proclamação aos habitantes, traçando sumariamente o seu programa de governo: Jurou respeito áustero às leis; Constante fiscalização sobre o exercício de magistratura; Antecipação das garantias constitucionais e todos os seus esforços em pról da educação pública, da agricultura e do comércio, levando em especial consideração as reformas liberais que se fizesse necessário executar para beneficio público e progresso nacional. Terminando, apelava para os bons sentimentos de ordem e patriotismo de seus vassallos e comunicava-lhes um novo “sistema de franquesa que, desde já principiou a seguir”.

A situação política do príncipe era extremamente árdua e delicada, ao mesmo tempo suspeita á Brasileiros e á Portuguezes: á estes, pela política ardilosa e separatista do Conde dos Arcos e de muito havia de reccar do temperamento aventureiro e ambicioso do próprio regente; aqueles, pela manifesta intimidade de D. Pedro com a Divisão Auxiliadora fiel á Portugal, sob o comando do severo General Avilêz. Além disto, o país estava numa das mais tremendas crises financeiras que teve de enfrentar a nossa administração.

Em 5 de junho a Divisão Auxiliadora e o Partido Portuguez tramavam uma rebelião. Reunidas as forças no largo do Rócio, exigiram a D. Pedro o seguinte: juramento imediato às bases da Constituição Portuguesa, que o príncipe vinha adiando propositalmente até receber notícias ulteriores dos acontecimentos que deviam operar com a chegada de D. João VI a Lisboa; a demissão do Conde dos Arcos, por ser suspeita aos interesses portugueses, de pretender desfazer-lhe todos os planos postos em prática violentamente, para recuar o país ao velho sistema de absolutismo colonial; a nomeação de uma Comissão Militar, confiada ao comando das forças armadas e a composição da Junta Governativa responsável às Cortes de Lisboa, como órgão de aprovação de leis decretadas pelo príncipe regente do Brasil. A tudo se submeteu D. Pedro. Esta medida descentralizadora e absurda desmoralizava completamente a administração do País, transformando numa porção de governos municipais provisórios, cada um deles, correspondendo-se diretamente com as Cortes de Lisboa e negando-se a contribuir para a renda do Rio de Janeiro, com o fito de enfraquecer a autoridade de D. Pedro e lança-lo em tais embaraços, a ponto de ser obrigado a abdicar, reduzido a simples governador do Rio de Janeiro e de poucas províncias do Sul.

A crise financeira piorava cada vez com a impossibilidade de acudir ao pronto pagamento de avultadas despesas de administração. Em 28 de julho de 1821, o tísico Banco do Brasil suspendeu qualquer pagamento. A junta Provisória da Baía não reconheceu a autoridade de D. Pedro, desconhecendo o decreto de 22 de abril, por ter sido o regente nomeado pelo rei e não pelas Cortes de Lisboa. Nesse mesmo dia resolveram que o exército luso-brasileiro fizesse um só corpo de tropa, com o fito de guarnecer o Brasil de forças portuguesas de inteira confiança das Cortes, e aquartelar no Reino a tropa brasileira, suspeita de fidelidade ao príncipe.

A Camara Portuguêsa compunha-se de 130 deputados portugueses e 75 brasileiros. Destes apenas 50 compareceram à Lisboa e constituídos, assim em minoria, nada poderiam influir, senão protelatoriamente, sobre o rumo e sorte das votações. Assim mesmo, não tinham ainda estes últimos tomado posse na Camara e, em 29 de setembro de 1821, tratava de desalojar o Brasil do Desembargo do Paço, Mesa de Consciencia e Ordens, Conselho da Fazenda, Junta do Comércio, Casa de Suplicação e outras repartições criadas por D. João VI, «sujeitando os Brasileiros, como denunciou José Bonifácio de Andrade e Silva em sua representação a D. Pedro, depois de doze anos acostumados a recursos prontos, a sofrer outra vez, como vis colonos, as delongas e trapaças dos tribunais de Lisboa, através de duas mil leguas do oceano».

Por outros decretos de 29 de setembro, 1 e 18 de outubro de 1821, ordenava o imediato regresso do príncipe regente, obrigando-o a viajar incógnito pela Inglaterra, França e Espanha, afim de completar a sua educação política; nomeou para cada província um governador das armas, como delegado direto do Poder Executivo e independente das respectivas Juntas e destacaram mais contingentes de tropa para Pernam-

bucu e o Rio de Janeiro.

Informado pela próxima retirada do príncipe, José Bonifácio de Andrade e Silva, então vice-presidente da Junta Provisória de S. Paulo, por meio de uma representação célebre, francamente fez ver á sua altesa que a sua partida, obedecendo ás descabidas injunções das Cortes Portuguezas, seria o sinal de separação do Brasil.

Os Brasileiros abraçaram a principio, com alguma esperança, de mãos dadas com os Portuguezes, a causa constitucional; cedo, porém, convencendo-se de que os ocultos fins das Cortes de Lisboa eram reduzir-nos novamente ao primitivo servilismo colonial, separaram-se do Partido Português, e decidiram a conquistar a Independência do Brasil, a qualquer preço.

Com a extinção de muitas repartições, aumentou o número de desempregados e descontentes, que se transformaram em patriotas exaltados e defensores da nossa emancipação política.

A provincia de Minas Gerais insurgiu-se, e a Câmara Municipal do Rio, graças a idéia de José Clemente Pereira, dirigiu oficialmente ao príncipe, em 9 de Janeiro de 1822, apresentando-lhe uma apelação do povo, assinada por mais de OITO MIL pessoas, insistindo a permanência de D. Pedro no Brasil, no que foi atendida no famoso «FICO».



O segundo bispo a visitar oficialmente S. Catarina, partindo da Diocese do Rio de Janeiro, foi o Dr. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo. Conde e Irajá. Governou esse bispo a Diocese de 1840 a 1863. A visita deu-se em 1845, quando o mesmo bispo acompanhou Suas Magestades ao Sul.



Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

O CRISTO DE JOAÇABA

ARNALDO BRANDÃO

Veio de Treze Tílias, lugarejo próximo a Joaçaba, em Santa Catarina, o enorme Cristo de cedro que o escultor catarinense Gotfeld Thaler trouxe à Brasília e que, durante os dias do Congresso Eucarístico, ficou exposto no Eixo Monumental, diante da praça do referido Congresso.

Era um cristo enorme, quatro metros de altura, crucificado em cruz de madeira, tendo aos pés a tabuleta com o nome do autor, cidade e estado e Treze Tílias que é justamente onde o artista tem o seu atelier.

Foi uma atração, sem dúvida, nos tumultuosos dias, em que a Nova Capital hospedou brasileiros de todos os ângulos que para aqui se deslocaram, atraídos pelo chamado do Legado Papal.

Multidões pararam diante da escultura, para admirar aquele trabalho estranho que, dentro da arquitetura avançada dos edifícios e especialmente da catedral que se inaugurava, parecia o símbolo do classicismo que insiste em não ser destruído e que vem resistindo há alguns séculos, embora o modernismo tome seu posto de forma categorizada e vá deixando para os museus, aquilo que já foi puro, que já foi cópia fiel e que, hoje, as máquinas reproduzem e a indústria tomou o lugar do artesanato.

Ficou sendo chamado de o Cristo de Joaçaba, consequência

daquela placa e das inscrições nela contidas. Também fui ver e apreciar o trabalho de um coestadano e, como catarinense, não poderia deixar de prestigiar aquela obra e louvar os méritos do escultor que dispendeu cerca de dois anos, para que a escultura se aprontasse e pudesse ser mostrada a um público, habituado com o que existe de mais avançado, na difícil arte de esculpir. De uma beleza esmagadora, com a expressão exata de quem sofreu e sofrerá eternamente, diante da mediocridade do homem que ele criou para ser a sua imagem e semelhança.

Braços abertos, cabeça abandonada, exausto de ser bom exemplo, assim ficou aquele gigante de 4 metros, exposto ao sol e ao olhar da população que para ele dirigia olhos que nem sempre eram de amor, de afinidade ou de admiração.

O senhor Thaler que estudou na Europa e que trouxe talvez da Austria a idéia de fazer aquele Cristo, é neto de um ex-ministro daquele país e nota-se na imagem e nas linhas de sua escultura, sua origem e o encantamento todo especial que os alpinistas tem por êsses crucificados, abrigados em telhados e que servem de balisamento ou proteção aos esquiadores na época das grandes nevadas ou de referência aos pastores, quando o tempo é bom.

Sublime idealização de Thaler, em esculpir em nossos cedros

a imagem do Senhor, para que viesse fazer parte das galerias estatutuárias de uma cidade em que artistas tão avançados, lançaram suas obras e que estrangeiros lutam para que seus trabalhos aqui sejam expostos e tenham por moldura, essa Brasília fenomenal.

Dizem que Gotfeld Thaler quase dôou sua obra. Não se importou com o lucro e não equilibrôu o preço ao seu trabalho. Apenas, desejava que o trabalho fôsse aproveitado e pudesse tomar parte nessa plêiaede de escultores que, em Brasília, tiveram sua grande consagração.

Alcançou o objetivo e conseguiu ainda mais. Seu Cristo foi adquirido pelos salesianos e, hoje faz parte do Santuário de Dom Bosco, o templo mais apreciado, talvez o mais belo do Brasil, com suas paredes imensas em vitrais azuis que lembram asas de borboletas e, ao centro, o lustre de cristal, orgulho da indústria paulista, e que tem atraído milhares de pessoas que se

deslumbram, diante daquela suprema maravilha.

Mas meu coestaduanô vem de Joaçaba e, melhor ainda, do pequenino lugar que traz o doce nome de Treze Tílias, que nos transporta ao Romantismo, a uma poesia de Alfredo Musset ou a uma peça de Tchecov. É fácil, para nós, imaginarmos o artista em seu atelier. Lá fora, o ar puro da serra e o perfume do pinheral. Cá dentro, o cedro escavado e o cheiro doce que dele se desprende. Ao seu redor, madonas, anjos, figuras inacabadas ou aguardando nova inspiração. Thaler enxuga as mãos no avental azul de zuarte, olha o semblante sofredor de um Cristo em agonia, sente vontade de modificá-lo, minorar um pouco aquele sofrimento, mas, ouviu o rádio, leu algum jornal, pensou no mundo atualmente tão conturbado e deixou o atelier, para respirar o ar puro de Treze Tílias que faz as hortênsias serem mais azuis e o cedro mais maleável.

MORRO DA CRUZ - ATRAÇÃO TURÍSTICA E RELIGIOSA

P. OSCAR HARTMANN S. J.

Entre as dezenas de milhares de pessoas, que anualmente demandam as alturas do Mórro da Cruz, há um enorme contingente, vindo das cidades, vilas e povoações do Vale do ITAJAÍ. Eis a razão desta comunicação para «Blumenau em Cadernos».

Situação geográfica. A meio caminho entre Blumenau e Florianópolis, junto à cidadezinha tranquila e limpa de Nova Trento, à altura de 510 mt. acima da mesma. Panorama maravilhoso desde o Oceano Atlântico até o longínquo horizonte do planalto de Boiteuxburgo, incluindo as cidades de Tijucas, Canelinha, S. João Batista e Nova Trento com suas exuberantes lavouras nas terras planas e pujantes matas nos cerros e montanhas.

Acesso. Uma estrada, há pouco alargada para dois ou três

carros e consolidada pelo trabalho de 500 horas de trator e 170 caçambadas de areia da parte das Prefeituras do Vale do Rio Tijucas e do Prefeito Dr. Cesar de Itajaí (100 horas de trator) Esta estrada, ladeada das 14 estações da Via-Sacra, serpeia encosta acima por 4.500 m através da mais variada vegetação, indo desembocar num delta de 7 praças, praças e locais de estacionamento para carros sem prejuízo do arvoredo acolhedor.

Histórico. A origem remonta à primeira hora do século vinte, em que os neutrentinos aos clarões duma imensa fogueira inauguraram uma cruz metálica, ainda existente, sôbre um alcantilado penhasco. Daí o nome.

No dia 2 de julho de 1902 foi celebrada a primeira Missa junto ao penhasco, diante duma modesta ermida de Nossa Senhora do Bom Socôrro. A devoção a esta Santa, começada pelo missionário jesuíta P. Alfredo Roussel e por ele incrementada, ao ponto de receber duma condessa de Paris uma Estátua de 2,10 m de ferro e bronze fundido, muito artística e devota e colocá-la em 1906 sôbre uma espécie de tórre em fino acabamento arquitetônico, tomou tais proporções, que surgiu sob a direção do P. Plebani um Santuário, mais tarde ampliado pelo operoso P. Lidvino Santini, cabendo ao incansável P. Cláudio Piva no último ano e meio o alargamento da estrada, a obra das praças e embelezamento externo, bem como a instalação da rêde elétrica no Santuário, na «casa do peregrino», nos arredores e galpões de festa, mais a colocação duma bomba hidráulica, que com sua água fresca e abundante pôs fim ao problema da água.

O Santuário Nossa Senhora do Bom Socôrro. De dimensões bastante modestas, mas de estilo harmonioso com seus centenas de ex-votos e muletas, logo lembra aos peregrinos, que nele levantou seu trono uma Mãe, que socorre seus filhos atribulados.

A última festa anual, dia 30 de abril de 1972. Diversos milhares de peregrinos afluíram a pé e em 536 carros (ônibus, caminhões e autos particulares). Viram-se peregrinos de S. Paulo, Curitiba e muitos de Florianópolis e das cidades dos dois vales Tijucas e Itajaí. Na Missa solene campal cantaram os seminaristas do Seminário de Nova Trento, missa seguida de outras durante o dia no Santuário, havendo durante o dia a bênção da saúde.

Econômicamente falando a participação foi tão boa, que puderam ser cobertas todas as despesas dos melhoramentos acima citados, incluindo naturalmente os generosos auxílios, que durante as obras vinham entrando da parte de muitos.

O QUE PODE SER UMA «CRÔNICA DO MEDO»

Por CARLOS BRAGA MUELLER

Ricardo Hoffmann é um nome que desponta na literatura catarinense já há alguns anos. Desde que, por volta de 1968, segundo me consta, publicou sua primeira obra: «Superfície».

Seu segundo livro, «A Crônica do Medo», foi mais feliz. Conseguiu repercussão nacional e o elogio de alguns dos mais entendidos críticos literários, inclusive citações honrosas por parte de escritores famosos.

A «Crônica do Medo» é ficção. Talvez Hoffmann peque um pouco pelas suas frases, sempre compridas demais. Ele parece querer emendar um acontecimento ao outro, numa superposição constante de personagem e fatos, num clima atormentado e de «suspense». Realmente, do começo ao fim, o livro é pródigo de frases intermináveis.

Mas de forma alguma esse fato invalida a obra. Pelo contrário. Se formos lendo o desenrolar da trama com atenção, não conseguimos perder o fio da meada, por maiores que sejam as frases e períodos do romance de Hoffmann. Parece que aí está a sua magia, o seu «it» de escrever. É o Al Neto, ao inverso.

A estória passa-se na clínica particular de um médico, já mentalmente desequilibrado. Com a

chegada do seu sobrinho, estudante de medicina e também meio “biruta”, mais um colega de faculdade, a situação na clínica transforma-se num verdadeiro pandemônio. Existe uma fila interminável de clientes querendo ser atendidos. O médico permanece impassível, deixando que tentem até arrombar a porta do seu gabinete. Os clientes são os mais estereotipados imagináveis: o homem nu cuja barba não parava de crescer; a prostituta querendo tratamento; os gordos e magros, os altos e baixos, todos chorando suas desgraças e lamentando suas doenças. O médico soltando os ferozes e famintos cães, para que estes ataquem os doentes; a guerra que os espezinhadados clientes fazem ao médico-ditador e às arbitrariedades cometidas pelo seu sobrinho; tudo isso, reunido numa salada «hoffniana», forma um clima de terror e mostra que o autor tem a mente muito ardilosa, ou então transpôs para o papel um pouco das suas experiências com médicos do interior, pois o ambiente de «A Crônica do Medo» faz lembrar muito certas clínicas do interior do nosso Estado.

Depois de ler este livro, quiz conhecer o primeiro trabalho de Hoffmann, «Superfície». Procurei-o por todas as livrarias de Blumenau e de Florianópolis. Não o encontrei. Soube, entretanto, que o próprio autor o recolhera (pelo menos na capital). Assim, se ele chegar a ler estas linhas, fica o meu apelo: consiga-me um exem-

plar. Pode mada-lo aos cuidados desta revista, com a conta para mim, naturalmente.

Finalmente, deixo a recomendação, especialmente para aqueles

que apreciam a leitura de romances: leiam «A Crônica do Medo». Pode ser que nem todos gostem da trama ou do estilo de Hoffmann. Mas vale a pena conhecer a obra deste catarinense.

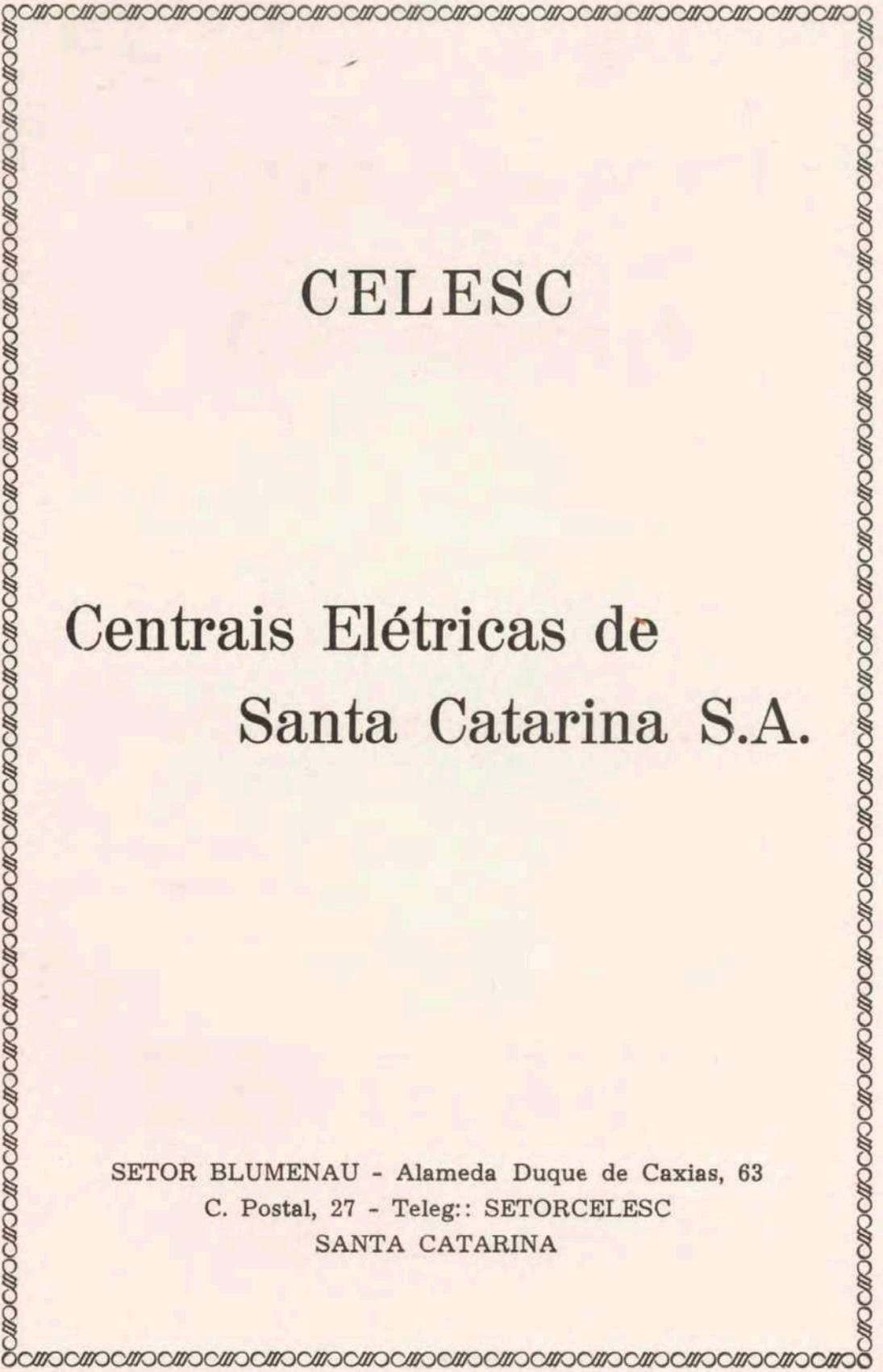
TRÊS PINGOS DE HISTORIA

★ A Câmara de Vereadores de Blumenau, nos primeiros anos do seu funcionamento, teve já que enfrentar situações delicadas, eleita em 1886, para o quadriênio 1887/1890, era composta de Guilherme Scheeffler, Leopoldo Hoeschl, Henrique Clasen, Francisco Lungershausen, Luiz Altenburg, Jacob Luiz Zimmermann e Jose Henriques Flôres Filho, este último reeleito.

Acontecia que Flôres fora o presidente da câmara anterior, por todo o quadriênio. E gostara do posto, não podendo se conformar com a idéia de, um dia, ter de deixá-lo. Entretanto, os novos eleitos haviam assentado a não recondução de Flôres à presidência da edilidade.

★★ não sabia falar o português. Nesse caso, não poderia ser vereador. E foi esse o motivo da briga. Flôres negou-se a dar posse a Lungershausen. Os outros vereadores eleitos protestaram e, por sua vez, recusaram-se a prestar o juramento legal. Era o que Flôres queria. Com os vereadores antigos e mais dois suplentes novos, que foram convocados, reuniu-se a Câmara procedendo à eleição para a presidência da Casa. O resultado «estava na cara». . . Flôres Filho foi eleito presidente e Luiz Altenburg, vice.

★★★ Mas, a «festa» durou pouco. O Presidente da Província tomou conhecimento do fato e oficiou à Câmara informando que a lei era omissa e, por isso, o vereador ignorante da língua do país deveria ser empossado. Contudo, Flôres fez, ainda, uma segunda tentativa, negando, mais uma vez, o compromisso legal ao vereador Lungershausen. Novo recurso ao Presidente da Província. As ordens vieram decisivas: se o vereador visado não pudesse prestar o compromisso em português, que o fizesse mesmo em outro idioma, através de interprete juramentado. Flôres não teve outro remédio que nomear Luiz Abry como intérprete e, por intermédio d'este, aceitar o juramento de Lungershausen. E empossá-lo na vereança. O castigo veio na mesma sessão. Na eleição procedida, logo em seguida, foi eleito presidente o vereador Guilherme Scheeffler. Flôres não teve mais que um voto. Quem sabe se o dêle próprio.



CELESC

Centrais Elétricas de
Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - Alameda Duque de Caxias, 63
C. Postal, 27 - Teleg.: SETORCELESC
SANTA CATARINA

Emprêsa Industrial

Garcia S.A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia

Endereço Telegráfico: "GARCIA" - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO

TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS